

MAIS DOIS IMPERATIVOS (10:23–25)

Tendo encerrado a exposição das questões doutrinárias, o escritor de Hebreus voltou-se para os fundamentos da fidelidade a Cristo para permaneceremos no novo e vivo caminho. Hebreus 10:23–25 contempla mais duas ordens no imperativo, sendo que a primeira ocorreu no versículo 22. O versículo 25 poderia ser denominado uma quarta passagem com “uma ordem no imperativo”.

“GUARDEMOS FIRME” (10:23)

²³Guardemos firme a confissão da esperança, sem vacilar, pois quem fez a promessa é fiel.

O versículo 23 começa com o segundo imperativo desta seção. O pensamento proposto é: “Agora que nossos corpos foram lavados em água, guardemos firme a fé”. O versículo 22 continha o primeiro imperativo: “Aproximemo-nos, com sincero coração, em plena certeza de fé...”

O autor incentivou os cristãos a “guardarem firme”. Este é o pensamento chave de Hebreus. De acordo com 3:6, guardar firme a esperança ajuda o cristão a continuar fazendo parte da igreja, ou da casa de Deus. Lemos em 3:14 que guardar firme até o fim é uma das características de quem é participante com Cristo. O raciocínio aqui é parecido com o de Romanos 6:1–5, onde os santos – os que foram batizados – são admoestados a não continuarem no pecado. A fidelidade de Deus em cumprir Suas promessas é um incentivo para nós, pois a benção da vida eterna faz tudo valer a pena.

A insistência em “guardar firme” é necessária na vida cristã. Segundo os ensinamentos calvinistas, quem foi verdadeiramente convertido não pode agir de outra forma. Obviamente, se fosse im-

possível o crente cair da graça, não haveria razão para nos preocuparmos em guardar a fé.

“Confissão” no grego é *ὁμολογία* (*homologia*), que significa o que é reconhecido, confessado ou professado como verdadeiro. Reconhecemos uma vez a nossa fé em Cristo, o que pode equivaler à “boa confissão” que Timóteo fez no início de sua caminhada com o Senhor. Paulo igualou isto com a confissão de Jesus perante Pôncio Pilatos (1 Timóteo 6:12, 13). Se a pessoa declarou abertamente a sua crença e esperança em que o Senhor é o filho de Deus, ela tem para sempre o compromisso de admitir isso vivendo segundo a sua fé. Ela faz isso parcialmente expondo a sua fé aos outros que, como ela, precisam ser encorajados a permanecer fortes (veja 3:12, 13). Nosso Senhor é fiel a nós, e nós precisamos ser fiéis a Ele.

A “confissão da esperança” é outra ideia básica presente no Livro de Hebreus. A “esperança” que deve ser guardada engloba tudo o que diz respeito ao cristianismo; nosso conhecimento de Deus inspira à esperança. Essa esperança pode ser preservada apesar dos obstáculos que surgem em nossas vidas porque Deus é fiel às Suas promessas.

A esperança é o elemento essencial para se ter fé (11:1). Não é possível ter fé real sem crer que Deus é o “galardoador” dos que “O buscam” (11:6). Cristo é o ponto central da nossa esperança (6:19, 20). Nele temos verdadeira esperança na qual nos alegramos imensamente (3:6). A esperança é uma “âncora” para a alma (6:11, 12, 18–20).

Podemos “guardar firme” essa esperança porque sabemos que “Quem fez a promessa é fiel” às Suas promessas. Deus cumprirá a Sua palavra, seja para um descanso no céu, perdão, ou o direito de nos aproximarmos do trono de misericórdia com nossas súplicas. Devemos ser fiéis sem vaci-

lar, assim como Deus é para conosco. A fidelidade garantida de Deus nos faz ter esperança.

“CONSIDEREMO-NOS” (10:24)

²⁴Consideremo-nos também uns aos outros, para nos estimularmos ao amor e às boas obras.

Outro imperativo aparece no versículo 24: “Consideremo-nos uns aos outros, para nos estimularmos ao amor e às boas obras”.

“Estimular” é uma palavra tão forte que era aplicada a um “ataque” de guerra. Se a palavra “provocar” não tivesse também uma conotação negativa hoje em dia, ela seria a melhor opção. O vocábulo grego neste contexto, *παροξυσμός* (*paroxusmos*), refere-se a insistir fortemente com os outros a fim de que produzam mais amor uns pelos outros e boas obras de serviço. O significado desta expressão em Hebreus é provocar para uma boa ação, não “no sentido desfavorável de irritação”¹.

O amor cristão precisa ter um resultado prático. Em Atos 15:39 *paroxusmos* é traduzido por “tal desavença”. Isso significa que devemos incentivar uns aos outros a obras maiores até o ponto de uma “contenda” (RC)? Se a pessoa admoestada não fizer as boas obras, nossa insistência pode levar a um conflito. Primeira Coríntios 13:5 usa a mesma palavra ao afirmar que o amor cristão “não se exaspera”, ou “não fica irritado” (NTLH). Devemos usar cada emoção forte e conveniente, juntamente com as Escrituras, para nos incitar a amar. Uma pessoa que foi estimulada a ser fiel tem mais probabilidade de manter-se fiel.

Se o “amor” no versículo 24 for o “amor a Cristo”, o versículo 25 nos diz que devemos estar regularmente presentes nos cultos de adoração em que isto é promovido e acontece a adoração a Cristo. Se for o amor uns aos outros, a mesma ação é exigida: devemos adorar com os santos regularmente, de modo a crescermos em amor para com os irmãos. Ausentar-se uns dos outros realmente não fortalece o coração.

NÃO DEIXEMOS DE CONGREGAR-NOS (10:25)

²⁵Não deixemos de congregar-nos, como é costume de alguns; antes, façamos admoestações e

tanto mais quanto vedes que o Dia se aproxima.

O próximo imperativo está implícito: “Não deixemos de congregar-nos”. A estabilidade espiritual é alcançada através das atividades promovidas neste versículo, ou seja, “congregar-nos” e “façamos admoestações”. A palavra para “congregar”, *ἐπισυναγωγή* (*episunagoge*), significa “reunir em assembleia”. Esta passagem, juntamente com Tiago 2:2, pode implicar que a “sinagoga” (*συναγωγή*, *sunagoge*) era usada como um local de encontro da igreja do primeiro século². O termo inicialmente denotava “reunir-se”, mas veio a significar “local de reunião”³. Todavia, grupos inteiros se reuniam nas sinagogas em Jerusalém – onde havia muitas sinagogas. À luz desta possibilidade, dizer que não havia “prédios de igreja” na época do Novo Testamento pode não ser completamente verdade.

Os cristãos deveriam se encontrar com o propósito de encorajar e exortar uns aos outros, como o versículo 24 convoca os santos a fazerem. Recordemos que o autor de Hebreus incentivou que isso fosse feito diariamente (3:12, 13). Este versículo não está dizendo para nos “estimularmos a congregar”, mas para “congregarmos para nos estimular”. Como aqueles cristãos poderiam se estimular e fortalecer uns aos outros, senão passando tempo juntos? Eles deveriam se encontrar a fim de fazer essa exortação à fidelidade constante. Edificar, exortar e estimular são propósitos essenciais da reunião dos cristãos (1 Coríntios 14:26–33). O autor de Hebreus não considerou possível quem não se reúne regularmente com outros crentes ser fiel ao Senhor. O “solitário” pode ser um crente, mas ele não é um crente firme e constante.

Este versículo, portanto, não está incentivando a assiduidade meramente na reunião semanal do Dia do Senhor, por mais importante que ela

²Kenneth S. Wuest, *Hebrews in the Greek New Testament for the English Reader*. Grand Rapids, Mich.: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1951, p. 182. William Manson disse que o autor de Hebreus estava falando de um “anexo cristão junto à sinagoga judaica”, mas ele acrescentou que “a palavra significa simplesmente reunir” e que “nada na linguagem do autor justifica que levemos nossas hipóteses a esse extremo” (William Manson, *The Epistle to the Hebrews*. Londres: Hodder and Stoughton, 1951, p. 69).

³A outra única ocorrência no Novo Testamento está em 2 Tessalonicenses 2:1, com referência à vinda do Senhor e a nossa “reunião com Ele”. Isto não implica um local de reunião real, como as “sinagogas”.

¹F. F. Bruce, *The Epistle to the Hebrews*, The New International Commentary on the New Testament. Grand Rapids, Mich.: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1964, p. 253.

seja. Esta admoestação demanda que os cristãos sejam estimulados em mais e mais reuniões a fim de se fortalecerem. É adequado se fazer cultos especiais em tempos de maior urgência, pois quem pode medir o poder da oração quando santos se reúnem num grupo grande para se aproximar do Pai celestial?

“Deixar” (ἐγκαταλείπω, *egkatalaipo*) as reuniões da igreja é um sinal inequívoco de apostasia – ou um sinal de que logo acontecerá a apostasia. A palavra “deixar” significa “abandonar”. Negligenciar a assembleia dos santos geralmente leva a uma total deserção da fé. Os primeiros leitores desta epístola estavam lutando contra pressões a eles impostas pelas fortes influências judaicas para que continuassem a adoração no templo segundo a lei. A admoestação do autor era que eles deveriam se manter fiéis a Cristo. Eles ainda não haviam desistido, mas haviam permanecido fieis no passado em tribulações semelhantes (vv. 32–36).

O encorajamento de irmãos era necessário cada vez mais que esses leitores viam “o dia se aproximando”. Uma pessoa não pode “ver” “o dia se aproximando” com respeito a sua própria morte ou à segunda vinda do Senhor. Quem está convalescido ou está envelhecendo pode entender que a morte se aproxima. Todavia, ter conhecimento definido da hora de algum desses acontecimentos exigiria uma revelação divina.

Uma revelação divina capacitou os cristãos a “verem” a vindoura queda de Jerusalém; as profecias estão registradas em Mateus 24, Marcos 13 e Lucas 21. As declarações de Jesus propiciaram aos judeus da Judeia, em particular, um meio de saberem quando esse “dia estava se aproximando”. Esse “dia” fez parte de uma fase de sofrimento para milhares de judeus, causado pelo cerco a Jerusalém e sua consequente queda, juntamente com a destruição do templo, no ano 70 d.C.

Não podemos prever a segunda vinda de Cristo porque não haverá “sinais” para indicar essa hora. Os sinais citados por Jesus em Suas profecias são relativos à queda de Jerusalém pelas mãos de Tito e seu exército romano – e não ao fim dos tempos. Quando Jesus profetizou sobre o fim de Jerusalém, ele declarou que nem Ele sabia a hora do fim ou a hora de Sua segunda vinda (Mateus 24:36). Sabendo com detalhes o que aconteceria, não é de admirar que Jesus tenha chorado pela cidade (Lucas 19:41, 42).

CONCLUSÃO

Moses Stuart fez um ótimo resumo do que o autor estava dizendo nos versículos 23 a 25: “Irmãos, façam tudo ao seu alcance para se guardarem contra a apostasia. E isto é mais relevante ainda porque uma volta ao judaísmo agora seria em mal tempo; está próximo o dia em que o templo e o estado judaico serão destruídos”⁴.

PREGANDO SOBRE HEBREUS

PROMOVENDO O AMOR ESPIRITUAL (10:24)

O “amor” de 10:24 é o amor *agape*, mencionado em Hebreus somente aqui e em 6:10⁵. Um dos alvos das reuniões dos cristãos é promover o amor fraternal (1 Pedro 2:17). Quando amarguras, brigas e divisões assolaram a igreja coríntia, Paulo aconselhou os membros a pararem com a chamada “festa de amor” porque ela se tornara uma “festa de ódio” (1 Coríntios 11:17–22). Ele nunca aconselhou a abandonarem as reuniões, mas disse para os irmãos continuarem fielmente a observar a ceia do Senhor (1 Coríntios 11:23–32). O valor dessa observância pode reacender e reconstruir o amor, pois não conseguimos pensar por muito tempo em tudo o que o Salvador fez em Sua fidelidade ao Pai e a nós sem nos envergonharmos de nossa indiferença e perversidade. Essa celebração, acima de tudo, deve sempre nos aproximar da cruz nas reuniões regulares no Dia do Senhor.

O reunir-se faz parte do método divino para nos estimular às boas obras; poucos de nós terão um desejo ardente de continuar servindo sem essas reuniões fraternais.

Não podemos efetivamente motivar outros cristãos a amarem censurando-os ou acusando-os. Não devemos fazer ou dizer coisas que façam os outros perderem a confiança em nossa integridade. Ao contrário disso, ofereçamos palavras de encorajamento que edificarão a confiança do próximo, tanto em Deus como em nós. Não podemos fazer isso sem frequentar regularmente os cultos de adoração (10:25). O autor de Hebreus já tinha falado aos seus leitores os efeitos ruins de se negligenciar o estímulo mútuo (3:13).

⁴Moses Stuart, *A Commentary on the Epistle to the Hebrews*. Londres: William Tegg & Co., 1856, p. 469.

⁵O verbo *agapao* ocorre duas vezes, em 1:9 e 12:6.

A COMUNHÃO NA ADORAÇÃO COLETIVA (10:25)

O versículo 25 implica que os cristãos fazem parte de uma fraternidade, como na primeira igreja em Jerusalém (Atos 2:42). “Fraternidade” ou “comunhão” vem de *koinonia*, que significa “parceria” ou “participação em comum” com outros. Em 10:19 os leitores de Hebreus foram tratados como “irmãos”. Que belo pensamento está implícito nesse vocábulo – fazer parte de uma família, ter um Pai, amar uns aos outros como bons irmãos e irmãs devem fazer. Quando perguntaram a Admiral Nelson a chave do seu sucesso numa batalha pela Grã-Bretanha, ele respondeu: “Tive o privilégio de comandar uma tropa de irmãos”. Esta é a chave para o sucesso da igreja também.

Lamento que desde o falecimento dos meus pais (em 2001 e 2003), meus dois irmãos e eu não tivemos o contato contínuo que tínhamos antes. Ainda temos o sentimento de irmãos, e isso jamais se extinguirá. Todavia, sem ocasiões para estarmos juntos na alegria e na tristeza, criou-se um abismo entre nós. Da mesma forma, os cristãos precisam de comunhão para serem irmãos. Precisamos do estímulo que recebemos através das reuniões, orações e admoestação. Devemos querer ir aos cultos de adoração – não somente pelo que podemos ganhar participando, mas também pelo que contribuímos para a fidelidade de outros.

Uma heresia sutil é pensar que “precisamos de Jesus, mas não da igreja”. Já nos dias em que o livro de Hebreus foi escrito, alguns pareciam dizer: “Não vale a pena ir às reuniões da igreja. Isto está nos causando muitos problemas. Sempre acontece alguma coisa para nos desanimar, por isso não vamos adorar com os outros crentes em Jesus”.

O Senhor idealizou a igreja como a *ekklesia* – uma verdadeira “assembleia”, termo que melhor traduz esse conceito. “Igreja” vem do grego, mas com o tempo passou a ser usado exclusivamente para a reunião de crentes, enquanto “assembleia” é um termo geral. A *ekklesia* pertence ao Senhor. (Jesus chamou-a de “Minha igreja” em Mateus 16:18.) Devemos manter a assembleia regular de adoração a fim de manter a comunhão dos membros e sermos realmente a “igreja do Senhor”.

No sentido exato, um cristão não pode pensar em si mesmo como parte da igreja, sem que seja fiel à assembleia dos santos. Lamentamos pelas

pessoas fieis e piedosas que já não têm condições físicas de frequentar a assembleia. Precisamos regularmente levar uma parte da igreja até essas pessoas. Não podemos ser fiéis a Cristo sem manter uma comunhão viva com o Seu povo escolhido – os santos, que são todos membros do Seu corpo purificado (Efésios 5:25–27).

POR QUE ALGUNS NEGLICENCIAM A ASSEMBLEIA DE ADORAÇÃO? (10:25)

Por que os crentes hebreus do primeiro século tinham começado a negligenciar a adoração coletiva não é explicado, mas seus motivos provavelmente eram semelhantes à apatia existente nos nossos dias. Alguns não queriam ser reconhecidos como cristãos, pois tinham vergonha da igreja de Cristo. Outros preferiram o mundo, com suas seduções temporárias, à promessa de vida eterna dada aos membros fiéis da igreja de Cristo. Outros, por ignorância, pensam que podem ser fiéis o suficiente separados de irmãos e irmãs que se reúnem regularmente. Este é um erro triste, como sugere a admoestação de 10:25, e pode levar à apostasia mencionada em 10:26. Devemos ajudar tais irmãos a verem o risco que estão incorrendo a si mesmos. A constante insistência de Hebreus é que “guardemos firme, até ao fim, a ousadia e a exultação da esperança” (3:6). Um pensamento similar é expresso em 10:23: “Guardemos firme a confissão da esperança, sem vacilar”. O autor disse isso ao introduzir a admoestação para “não deixarmos de congregar-nos” (10:25). Essa admoestação para permanecermos fiéis veio à luz da fidelidade de Cristo (10:23b). Ele foi fiel a Seu Pai – não devemos fazer o mesmo?

“QUERO IR AONDE AS MINHAS NECESSIDADES SERÃO PREENCHIDAS” (10:25)

Pessoas que frequentam os cultos de adoração meramente para preencher suas necessidades são egoístas ou, no mínimo, egocêntricas. Elas têm o foco em si mesmas e se distanciaram da grande verdade do cristianismo – que preenchemos nossas necessidades ajudando outros. De fato, é assim que encontramos Cristo (Mateus 25:37–40). Quando damos assistência a um santo, de alguma forma, ele se torna Cristo para nós! Quando congregamos e elevamos nosso coração a Deus, nossa maior necessidade é suprida. É por isso que é necessário fazermos parte da igreja, de uma con-

gregação local. Devemos ajudar os outros na igreja, e não focar principalmente em nós mesmos. Focar em si mesmo é virar pelo avesso a religião de Cristo.

Todos nós somos beneficiados com a comunhão amorosa. Devemos ir buscar os que se sentem excluídos e trazê-los para dentro dela (Lucas 14:23).

A NATUREZA IDEAL DA IGREJA OU DO REINO (10:25)

A igreja é o reino de Deus e de Cristo (Efésios 3:5). Se pertencemos a Cristo, somos todos “súditos” no Seu reino. Se abandonamos os caminhos do mundo, fazemos agora parte da assembleia de Deus (*ekklesia*), a igreja. Como é esse reino – ou como ele *deve* ser? Em seu livro *Amazing Grace*, Jonathan Kozol contou a história de um menino de doze anos de idade que vivia na região pobre e criminosa de South Bronx, em Nova York. O menino logo conheceu a violência das ruas e o homicídio, juntamente com muitos outros tipos de crime. Contudo, também experimentou as misericórdias de uma boa igreja local. O nome do garoto era Anthony, e ele costumava falar do “reino de Deus”. Kozol pediu-lhe que escrevesse sua definição do reino de Deus. Inicialmente, o garoto se recusou, mas alguns dias depois, mostrou a Kozol três páginas do que havia anotado num caderno. Parte de sua definição dizia o seguinte:

Não haverá violência no céu. Não haverá armas nem drogas... Você não terá que pagar impostos. Reconhecerá todas as crianças que morreram quando eram pequenas. Jesus será bom para elas e brincarão com elas. À noite, Ele virá e entrará na sua casa⁶.

Esta é uma bela descrição do que a igreja deve prover mesmo agora. Ela oferece paz, sendo na verdade uma “antessala do céu”. Devemos poder reconhecer um pouco do consolo do céu no reino de Deus na terra agora. Glen Pace, meu tio, ama seu estado natal, Arkansas, e ama pregar sobre o céu. Tenho dito que ele faz Arkansas parecer tão bom que quem ouve não sabe dizer se ele está falando de Arkansas ou do céu!

Para sermos a “casa [família] de Deus”, temos que estar individualmente comprometidos

com Cristo, tendo entrado nessa comunhão pela fé através do portão do batismo em água (v. 22; veja Gálatas 3:26, 27). Não podemos nos aproximar do nosso Deus como parte de Sua família, sem preencher as condições que Ele estipulou para nos salvar. Como podemos ser chamados de uma “fraternidade” sem termos todos entrado na família da mesma forma? O batismo é claramente o meio de entrarmos no corpo de Cristo (1 Coríntios 12:13)⁷. Somente nesse corpo, podemos ter “plena certeza de fé” (10:22). Precisamos “guardar firme a confissão da esperança, sem vacilar” (10:23). Com esperança somos salvos (Romanos 8:23–25) e permanecemos “na esperança de vida eterna” (Tito 1:2). Nossa fé tem a esperança como seu alicerce.

É na assembleia que nos estimulamos ao amor e às boas obras (10:24); dificilmente podemos fazer isso de outra forma. Telefones e mensagens de e-mail não podem substituir os encontros pessoais com quem nos pode “estimular” a servir e amar com maior excelência.

O DIA SE APROXIMA (10:25)

Alguns acreditam que o “dia” que se aproxima no versículo 25 tem que ser o dia da volta do Senhor e/ou o Julgamento. Não sabemos a hora em que o Senhor voltará. Pode ser na nossa geração ou numa não muito distante.

Pouco antes de 1988 foi publicado um livro intitulado *Oitenta e Oito Razões Por Que o Arrebatamento Será em 1988*. Se você tivesse lido esse livro e depois constatado que nada aconteceu, qual seria o resultado? Você sempre duvidaria do suposto estudante da Bíblia que escreveu o livro, ou talvez viesse a duvidar de todos os pregadores que alegam saber quais são os “sinais” que as Escrituras apontam para o vindouro fim da nossa era? Você ouviria esse pregador outras vezes? Erros nunca ajudam, exceto para mostrar a insensatez de intérpretes imaginativos.

⁷Primeira Coríntios 12:13 deve se referir ao batismo em água e não ao batismo no Espírito Santo. Se fosse o batismo no Espírito, todos receberiam o Espírito desse modo. O batismo do Espírito Santo prometido aos apóstolos (Atos 1:6–8) foi recebido somente por eles (Atos 2:1–4). Os primeiros convertidos gentios receberam uma dose do Espírito da mesma forma e falaram e línguas (Atos 10:43–47; 11:15, 16), mas eles não receberam o poder de fazer os prodígios ou sinais de um apóstolo (veja 2 Coríntios 12:12). O “batismo” de Cornélio e sua casa não sugere que todos tinham que receber “o batismo do Espírito Santo”. Este milagre foi necessário para converter os cristãos judeus de que Deus aceitava os gentios.

⁶Jonathan Kozol, *Amazing Grace: The Lives of Children and the Conscience of a Nation*. Nova York: HarperCollins Publishers, 1995, p. 238.

O Senhor não veio em 1988 – nem em 2000, como previram outros. Essas interpretações das declarações bíblicas sobre quando será o fim estão equivocadas. Visto que tantas predições se mostraram erradas, esse tipo de pregação desestimula a fé. Sugerir que este tipo de proclamação é boa é o mesmo que dizer: “Façamos o mal [ou o ensinemos] para que venha o bem” (Romanos 3:8)⁸. O bem não procede de ensino falso, e Deus *nunca* quer que o erro seja ensinado.

Ensinar que cada geração é pior do que a antecessora e que nós estamos agora nos “últimos dias”, cumprindo assim 2 Timóteo 3:1–5, é um erro de interpretação de 10:25. Essa visão não é ensinada na Bíblia – em nenhuma das versões da Bíblia. Paulo referiu-se a “tempos”, ou eras sucessivas, quando certas condições prevalecerão. Os indivíduos descritos em 2 Timóteo 3 já estavam surgindo quando Paulo escreveu, por isso ele advertiu Timóteo a “fugir destes” (3:5). Como Timóteo poderia evitar tais homens, se eles só apareceriam no século XXI? Os tempos difíceis desse contexto não eram meramente os últimos dias antes da volta de Cristo, mas cada geração em que pessoas más cercam os cristãos. Quando as pessoas não são más? Algumas, de fato, “só pioram”, e não é raro constatarmos que “o amor está se esfriando de quase todos” (Mateus 24:12). Apesar disso, é necessário cautela porque uma interpretação equivocada dessas passagens pode ser danosa.

Como já observamos, “o dia” em 10:25 só pode ser o tempo da queda de Jerusalém, que ocorreu no ano 70 d.C. Jesus informou quais sinais indicariam que a hora desse fato estava próxima (Mateus 24; Marcos 13 e Lucas 21). Que dia era esse que estava se aproximando? 1) Não poderia ser o dia da morte de alguém, pois nem sempre é possível ver esse dia se aproximando. 2) Não poderia ser o Dia do Julgamento, pois ninguém sabe quando isso acontecerá. 3) Não poderia ser o Dia do Senhor, porque as reuniões eram realizadas no primeiro dia de cada semana já antes desse dia “se aproximar”. 4) É mais provável que esse dia fosse o momento em que Jerusalém foi cercada e destruída pelos exércitos de Roma. Relatos pos-

teriores registram que os cristãos, graças ao aviso de antemão de Jesus, conseguiram saber que esse dia estava chegando e escaparam com vida. O autor de Hebreus até citou Habacuque 2:3 e 4, com respeito à destruição de Judá pela Babilônia. Ele poderia estar aplicando essas palavras à queda de Jerusalém pelo cerco de Roma⁹.

ESTUDO COMPLEMENTAR

“SINAIS” E “O DIA [QUE] SE APROXIMA”

Muitos “sinais” citados na conversa de Jesus com Seus apóstolos em Mateus 24 precederiam os acontecimentos que culminariam na queda da cidade. Esses sinais poderiam ser “vistos” pelos fiéis, que podem até ter recebido uma explicação adicional dos apóstolos inspirados. Pela fé, eles reconheceram o cumprimento dos sinais que Jesus predisse.

Os eventos descritos por Jesus ocorreram em sua maior parte entre os anos 66 e 70 da era cristã, como os terremotos, que aconteceram logo na década de 50 (Mateus 24:7)¹⁰. O fato de terem conseguido identificar o dia da queda implica que os sinais foram mostrados previamente e “já eram visíveis aos homens e mulheres de discernimento”¹¹. Naturalmente, todo cristão deve querer se reunir com os companheiros cristãos, na aproximação de sua própria morte, mas esse não é o ponto desta passagem.

Um sinal estranho é dado em Mateus 24:15 e 16: “Quando, pois, virdes o abominável da desolação de que falou o profeta Daniel, no lugar santo (quem lê entenda), então, os que estiverem na Judéia fujam para os montes”.

O que era o “abominável da desolação”? Lucas explicou um pouco mais: “Quando, porém, virdes Jerusalém sitiada de exércitos, sabeis que está próxima a sua devastação. Então, os que estiverem na Judeia, fujam para os montes; os que se encontrarem dentro da cidade, retirem-se; e os que estiverem nos campos, não entrem nela” (Lucas 21:20, 21). Com Jerusalém cercada de exércitos,

⁸Embora Deus tenha permitido que Acabe acreditasse numa mentira porque ele havia rejeitado todas as formas de verdade quando esta vinha dos verdadeiros profetas de Deus (1 Reis 22:13–28), Deus não mente (Hebreus 6:18). A história de Acabe ilustra poderosamente a verdade de 2 Tessalonicenses 2:9–12 – que Deus permite aos que não amam a verdade crer em influências ilusórias.

⁹Adaptado de Jimmy Allen, *Survey of Hebrews*, 2a. ed. Searcy, Ark.: Autor Independente, 1984, pp. 114–15.

¹⁰Embora a mídia internacional relate mais sobre terremotos ao redor do mundo hoje, os terremotos ocorridos no fim dos séculos XX e começo do século XXI não foram absurdamente violentos ou frequentes.

¹¹Bruce, p. 256.

como alguém escaparia da cidade? Como outros entrariam? Jesus deu uma dica em Mateus 24:22: “Não tivessem aqueles dias sido abreviados, ninguém seria salvo; mas, por causa dos escolhidos, tais dias serão abreviados”. Foi aqui que o historiador e testemunha dos fatos Flávio Josefo nos prestou um importante serviço. Ele disse que o exército romano, em sua primeira investida para conter a rebelião em Jerusalém, “retirou-se da cidade, sem motivo algum”¹².

Embora tenha escrito cerca de trinta anos após o evento, este ex-fariseu ainda não conseguia entender o motivo pelo qual Cestos chamou seus soldados, mas sabemos algo que Josefo não sabia: Deus estava preocupado com os Seus eleitos e abreviou os dias do cerco. Isto deu aos cristãos oportunidade para escaparem. Eusébio, o “Pai da História da Igreja”, relatou que “todos” os cristãos conseguiram escapar por conta de uma revelação divina que receberam¹³.

Em contraste com os sinais que Jesus deu referentes à queda de Jerusalém, Ele respondeu em seguida a pergunta a respeito de quando seria Sua segunda vinda, dizendo: “Mas a respeito daquele dia e hora ninguém sabe, nem os anjos dos céus, nem o Filho, senão o Pai” (Mateus 24:36).

¹²Flávio Josefo, *Guerras* 2.19.7. A respeito do combate de Cestos contra Jerusalém, Josefo deu esta explicação: “Se Cestos tivesse continuado a sitiá-lo por um pouco mais de tempo, [ele teria] certamente tomado a cidade; mas, suponho eu, foi devido à aversão que Deus já tinha pela cidade e pelo santuário, que ele foi impedido de pôr fim à guerra naquele mesmo dia” (*Guerras* 2.19.6).

¹³Eusébio de Cesareia, *História Eclesiástica* 3.5.

Esta declaração não poderia se aplicar à queda de Jerusalém, ou todos os sinais que Ele acabara de mencionar não teriam validade. Isto sugere que o “dia que se aproxima” tinha significância especial para os judeus da Judeia e que esta epístola foi escrita para um grupo de pessoas dessa região. Ela não se destinava, como a Carta aos Filipenses, a “bispos e diáconos” (1:1), mas a um grupo dentro da igreja que deveria obedecer aos seus bispos espirituais (Hebreus 13:17) a fim de preservarem suas almas e corpos.

PERDOADO E ESQUECIDO

“Também de nenhum modo Me lembrarei dos seus pecados e das suas iniquidades, para sempre” (Hebreus 10:17).

“De modo nenhum Me lembrarei” contrasta com “recordar ano após ano”. O homem lembra, mas Deus esquece quando Ele perdoa.

Helps from Hebrews
Don Earl Boatman

SÓ O SANGUE DE CRISTO

“Não há dúvida de que o sangue de um homem, ao menos um, seria insuficiente para salvar outro homem, nem mesmo a vida do próprio homem que fez a oferta. Foi quem Cristo *era e é* que faz toda a diferença.”

Commentary on Hebrews
James Burton Coffman

Autor: Martel Pace
© A Verdade para Hoje, 2016
TODOS OS DIREITOS RESERVADOS